



**Local Conference Call  
Itaú Unibanco  
Resultados do Primeiro trimestre de 2016  
04 de maio de 2016**

**Operadora:** Bom dia senhoras e senhores. Sejam bem-vindos à teleconferência do Itaú Unibanco Holding onde será discutido o resultado do primeiro trimestre de 2016.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessite de assistência durante a teleconferência, tecle “asterisco zero”.

Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores [www.itaubank.com.br/relacoes-com-investidores](http://www.itaubank.com.br/relacoes-com-investidores). Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O *replay* desta teleconferência estará disponível até 10 de maio por meio do telefone +55 11 3193-1012 ou 2820-4012, código de acesso: **1964762#**

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco, hoje, estão os senhores **Eduardo Vassimon**, Vice-Presidente Executivo, CFO (Chief Financial Officer) e CRO (Chief Risk Officer); e **Marcelo Kopel**, Diretor de Relações com Investidores.

Inicialmente o **Sr. Eduardo Vassimon** apresentará o resultado do primeiro trimestre de 2016. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao **Sr. Eduardo Vassimon**.

**Sr. Eduardo Vassimon:** Bom dia a todos, bem-vindos.

Para aqueles que estão nos acompanhando através da internet, nós iniciamos na tela 2 com os destaques do período. Temos um lucro líquido recorrente no primeiro trimestre de R\$ 5,2 bilhões; cerca de 10% menor do que o lucro verificado no primeiro trimestre do ano passado. Nós consideramos este resultado bastante razoável dadas as circunstâncias, dado o ambiente econômico que estamos vivendo.



Eu destacaria aqui, em termos de qualidade de crédito, a elevação dos NPLs. Nós vamos falar bastante sobre qualidade de crédito mais à frente, esta elevação é compatível com o atual ambiente econômico.

Destaque positivo em relação à margem financeira com mercado. Resultado expressivo de R\$ 1,7 bilhão neste trimestre. Outro ponto a destacar é a elevação relevante das despesas de PDD, cerca de 18% neste trimestre quando comparado ao trimestre, ao último trimestre do ano anterior. Apesar desta elevação, nós estamos bastante confiantes na manutenção das nossas projeções para este item em relação ao número que atingiremos ao final do ano na medida em que o volume registrado neste trimestre, na nossa avaliação, não se repetirá nos próximos trimestres.

O outro ponto a destacar é o desempenho positivo das despesas não decorrentes de juros. Uma contração expressiva nesse trimestre e uma elevação em 12 meses bastante abaixo da inflação.

E, finalmente nesta página, eu destacaria a contração da carteira de crédito que é compatível com uma economia mais fraca e com critérios mais restritivos de concessão de crédito.

Indo para o slide 3, nós vemos aqui um retorno sobre o patrimônio ligeiramente abaixo de 20% neste trimestre, e em termos de resultado, de retorno sobre o patrimônio recorrente médio, resultado recorrente, perto de 23% em 12 meses.

Indo para o slide 4, com lucros e perdas, eu destacaria aqui algumas linhas: Na parte de margem com o mercado, a gente viu um resultado bastante expressivo, cerca de 37% superior ao verificado no trimestre anterior. A margem financeira com clientes cresceu em 12 meses abaixo da inflação, ligado fundamentalmente ao ambiente econômico. Há uma demanda mais fraca por crédito e é uma política de crédito mais conservadora.

A PDD líquida de recuperação teve um número grande de R\$ 6,4 bilhões, 44% redondamente acima do número verificado no primeiro trimestre do ano passado. Nós vamos falar um pouco mais à frente, mas ela tem basicamente, na nossa avaliação, caráter antecipatório, está muito concentrada no segmento de atacado e, portanto, na nossa visão, não se repetirá nos próximos trimestres.

A gente nota também neste lucros e perdas que a alíquota implícita de imposto de renda foi mais baixa. Nós havíamos, no *call* do trimestre anterior, indicado uma expectativa em torno de 33% de taxa de imposto implícita para o ano de 2016. Naquela ocasião ainda estava no Congresso para ser votado um projeto de limitação dos benefícios do JCP, este projeto acabou não sendo aprovado e em função disto nós estamos revisando aqui nossa indicação para algo em torno de 29% de alíquota implícita para o ano de 2016.



Indo para o slide 5, nós aqui fazemos uma abertura entre o resultado de Brasil e América Latina, ex-Brasil. Esta abertura se tornará mais importante daqui para frente a partir da incorporação das operações do CorpBanca. Nós vemos aqui neste slide 5 uma redução do lucro líquido recorrente do Brasil em 12 meses da ordem, perdão, em relação ao trimestre anterior, da ordem de 8%. Na América Latina ex-Brasil uma redução mais expressiva de 30%, que está concentrada no Chile devido a efeitos pontuais.

Indo para página 6, falando ainda de América Latina, nós construímos aqui um *pro-forma* combinando os dados de CorpBanca e de Itaú no Chile e na Colômbia. Só para lembrar, a operação do ponto de vista legal foi concretizada e se iniciou no dia 1 de abril de 2016, portanto, a partir do próximo trimestre, a partir do segundo trimestre deste ano, nós teremos a consolidação integral das operações do CorpBanca. E a mensagem aqui é que em várias linhas nós basicamente dobramos de tamanho na nossa operação da América Latina, ex-Brasil. Por exemplo, margem financeira gerencial 1,9 vezes, ativos, carteira de crédito mais que dobrando.

Indo para a página 7, nós temos a abertura aqui do nosso lucros e perdas entre dois blocos, é uma abertura que a gente já vem fazendo há algum tempo, de um lado crédito e *trading* e a parte do nosso lucros e perdas, que carrega mais risco e que é mais volátil por natureza, e de outro lado seguridade e serviços, que é a parte do nosso lucros e perdas mais estável, menos sensível ao ciclo econômico.

Nós vemos aqui na comparação entre o último trimestre de 15 e o primeiro trimestre deste ano uma redução relevante no bloco crédito e *trading* de R\$ 2,5 bilhões para R\$ 1,9, bilhão, fundamentalmente em função da elevação de provisão para crédito. De outro lado, nós vemos uma estabilidade no bloco de seguridade e serviços, onde tivemos alguma redução de receita compensada por reduções relevantes de custos.

Indo para página 8, é onde nós temos a abertura da carteira de crédito por tipo de cliente, nós vemos aqui um retrato da situação econômica do País com uma contração importante da nossa carteira de crédito neste trimestre, 5,3%. Aqui tem um pouco de efeito cambial porque tivemos uma apreciação do real um pouco abaixo de 10% neste período. Eliminando este efeito cambial, como nós vemos aqui neste quadro, essa redução no trimestre teria sido da ordem de 3,5%. Em 12 meses, primeiro tri de 15 contra primeiro tri de 16, nós tivemos uma contração de 4,2%.

Alguns destaques aqui, cartão de crédito, a nossa carteira de cartão de crédito mostrou uma contração de 3% em 12 meses aí refletindo não só uma fraqueza da economia, mas também um aperto nos critérios de concessão de crédito para esta carteira. Veículos continua a sofrer em termos de volume de carteira, demanda muito fraca neste segmento, o que levou a uma contração em 12 meses da ordem de 31%. Crédito imobiliário com desempenho positivo, crescendo 2 dígitos, 17% em 12 meses, uma carteira bastante segura, bastante saudável.

Ainda nesta página, nós vemos na última linha, só para dar uma ideia, a informação do CorpBanca. Uma carteira no primeiro trimestre de R\$ 78 bilhões, que não está,



mais uma vez, incorporada nos nossos números, mas para dar uma ideia do que nós temos aí pela frente com a incorporação do CorpBanca a partir do próximo trimestre.

Indo para a página 9, nós temos na parte superior a evolução do mix da carteira de crédito. Aqui tivemos uma redução neste trimestre quando comparado ao trimestre anterior da carteira de grandes empresas, tem um efeito cambial aqui relevante e continuamos no processo mais estrutural, iniciado já há cerca de 4 anos, de crescimento das carteiras de menor risco, imobiliário e consignado, como nós podemos ver na parte mais à direita desse gráfico. Na parte inferior desta página 9, nós vemos a evolução da margem financeira com clientes e eu só destacaria aqui que a redução esteve concentrada na queda de volume, de R\$ 319 milhões que é o principal fator de explicação desta redução.

Indo para página 10, na margem financeira em termos de taxa média anualizada, nós vemos uma estabilidade aí em torno de 11% dessa taxa e uma queda relevante quando nós incorporamos aqui o elemento de risco em função do grande volume de provisões que nós fizemos para crédito neste trimestre. Nós não vemos isso como uma tendência.

Na página 11, margem financeira com mercado. Mais uma vez foi um resultado bastante positivo; R\$ 1,7 bilhão. Nós não vemos este resultado como recorrente, nós aqui reafirmamos que o que nós consideramos como resultado mais “normal” seria algo da ordem de R\$ 1,2 a R\$ 1,3 bilhão por trimestre.

Na página 12, começando a falar sobre crédito, nós temos na parte superior o NPL, os índices de inadimplência curtos, de 15 a 90 dias. Nós vemos uma elevação no índice total de 50 *basis*, de 2,6% para 3,1%. Quando nós olhamos pessoa físicas, temos 40 *basis* de crescimento e nós destacamos aqui a evolução em anos anteriores entre o último trimestre de um ano e o primeiro trimestre do ano seguinte, nós vemos que tem um padrão sazonal claro aqui. Evidentemente neste ano, dado o ambiente econômico, foi um pouco superior, 40 *basis*. Mas já tivemos entre 20 e 40 em anos anteriores. A maior variação ficou aqui no segmento de grandes empresas, que por definição é um segmento que apresenta maior volatilidade neste índice.

Quando a gente olha a inadimplência de 90 dias, na parte de baixo, nós tivemos uma evolução, um crescimento de 40 *basis* no total, de 3,5% para 3,9%. Este 3,5% eu só destacaria que ele teria sido 3,7% se não tivesse ocorrido uma cessão de crédito que nós divulgamos amplamente no trimestre passado, mas, de qualquer forma, é uma deterioração, de novo, compatível com a situação econômica mais difícil. É importante notar aqui que a redução nominal da carteira tem um impacto relevante nestes índices. Quando a gente pega, por exemplo, aqui na parte de pessoa física, dos 20 *basis points* que cresceram entre dezembro e março de 5,4% para 5,6%, cerca de 2/3 desta elevação é explicada pela redução do saldo nominal.

Quando gente olha para micro, pequena e média, onde nós tivemos uma elevação relevante de 70 *basis*, cerca de 30 destes 70 pontos são explicados pelo mesmo



efeito de redução nominal de saldo. Este segmento de micro, pequena e média é o segmento que tem sofrido mais na crise, onde nós temos tido maiores desafios em termos de gestão de crédito. Olhando para frente, a gente antecipa a continuidade do crescimento moderado de NPL, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica, em grandes empresas com mais volatilidade inerente a este tipo de segmento.

Indo para página seguinte, para a página 13, nós mostramos mais uma vez aqui os nossos índices de inadimplência para 90 dias excluindo a parcela de crédito 100% provisionado. E o que nós vemos aqui, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica, é uma estabilidade deste indicador. Pessoa física, uma pequena redução de 10 *basis*, de 2,3% para 2,2%, e pessoa jurídica, um pequeno aumento de 0,6% para 0,7%.

Na parte inferior desta página 13, nós vemos o NPL *creation* e o *write-off*. Nós estamos abrindo aqui pela primeira vez o NPL *creation* entre varejo e atacado dentro do processo permanente de aperfeiçoamento das informações da transparência e nós vemos uma redução nominal aqui no NPL de pessoa física de 4,5% para 4,3%. Um aumento relevante na parte de atacado, essa parte do atacado mais uma vez influenciado pela cessão e transferência de crédito que nós fizemos no trimestre anterior de R\$ 1 bilhão, em dezembro teria sido R\$ 2 bilhões. Aqui é importante notar que o número total de R\$ 5,1 bilhões de NPL *creation* neste trimestre é bastante inferior ao volume de PDD que nós constituímos neste mesmo trimestre. Ou seja, nós constituímos muito mais provisões do que cresceu a carteira ruim, digamos assim. Então, se a gente olhar este índice ele está neste trimestre acima de 120%, o que reforça, na nossa avaliação, a visão de que esta provisão tem um caráter, em grande medida, antecipatório.

Indo para página 14, operações de crédito renegociadas, nós vemos uma certa estabilidade no número total em torno de R\$ 23 bilhões, apesar do ambiente econômico desafiador, esse número não cresceu porque neste trimestre nós tivemos alguns recebimentos, sobretudo no segmento de grandes empresas de operações que haviam sido renegociadas no passado, como boa parte das renegociações com adição de garantias e que produziu algum recebimento neste trimestre. Na parte inferior desta página 14, nós vemos a inadimplência, o índice de cobertura da carteira renegociada total. Alguma subida no NPL, compatível mais uma vez com um ambiente econômico, de 18% para 20% e um índice de cobertura de 90 dias bastante confortável, em torno de 184%.

Indo para a página seguinte, aqui é um slide particularmente importante onde nós vemos, de uma forma bastante clara, que a elevação das provisões neste trimestre ficou bastante concentrada na parte de atacado. Nós praticamente dobramos o volume de provisões para atacado em relação ao trimestre anterior, enquanto que houve uma redução no varejo, uma redução nominal no varejo. Olhando para frente, mais uma vez nós acreditamos que teremos uma, estamos bastante convictos que teremos uma redução deste número do atacado no próximo trimestre, não vemos este número como um número que se repetirá ao longo do ano. E no varejo a gente



espera alguma elevação moderada, de forma que a combinação desta elevação moderada no varejo e uma redução no atacado deve produzir uma redução líquida no próximo trimestre. Temos também o que, aliás, mais uma vez nos dá grande confiança em termos de manutenção da nossa expectativa indicada no trimestre passado da faixa desta linha do lucros e perdas. Nós vemos também nesta página o índice de cobertura, que teve alguma elevação aqui de 208% para 210%. Olhando para frente, a gente imagina alguma redução, seria natural termos alguma redução nos próximos trimestres neste indicador.

Indo para slide 16, eu vou gastar aqui algum tempo, é um slide que nós consideramos particularmente importante onde nós estamos aqui apresentando uma nova abordagem, uma nova visão do nosso volume de provisões. Do lado direito, o que nós chamamos de visão regulamentar, é a forma como nós vínhamos mostrando a abertura da nossa PDD total nestas três categorias – específica, genérica e complementar – e nós agora, do lado esquerdo, criamos três categorias, de baixo para cima: PDD por atraso, PDD por risco agravado e PDD por risco potencial.

Começando de baixo para cima, nesta categoria, onde nós tínhamos ao final do primeiro trimestre de R\$ 11,9 bilhões, estão as operações que estão em atraso e no volume de PDD mínimo determinado pelo Banco Central para esse atraso. No bloco intermediário nós temos as operações renegociadas, tanto as operações em dia quanto eventualmente operações em atraso e a parcela da PDD relacionada a operações em atraso que excede o mínimo determinado pelo Banco Central. E finalmente, na parte superior onde nós temos R\$ 15,8 bilhões, nós temos uma carteira que, uma PDD relacionada a uma carteira que não está em atraso, mas que, de acordo com os nossos modelos de perda esperada, de perda potencial, podem vir a requerer algum tipo de provisão, ou poderemos ter algum tipo de perda. E esta parte da PDD ela combina a antiga PDD complementar com a parcela da PDD genérica, que não está associada a atrasos ou renegociação. E nós fizemos isto porque, na essência, esta parcela da PDD genérica conceitualmente é muito semelhante à PDD complementar. Esta nova abordagem eu acho que ela reflete melhor a maneira como nós gerimos o Banco em termos de gestão de provisões e ela também se aproxima conceitualmente do IFRS 9, que nós acreditamos que em algum momento será adotado aqui pelo Banco Central, tendo sempre uma visão mais de futuro sobre a provisão, portanto, não só perda incorrida, mas fundamentalmente a perda esperada.

E neste bloco de R\$ 15,8 bilhões nós temos aqui modelos estatísticos mais voltados a varejo, temos evidentemente elementos julgamentais, *downgrades* preventivos, avaliações de setores, e nós vemos hoje que grande parte destes 15,8 está constituído no segmento de atacado, o que mais uma vez reforça a nossa visão de uma PDD de caráter mais antecipatório, mais preventivo. Então, nós passaremos a mostrar esta visão, continuaremos durante algum tempo mostrando a visão anterior para permitir uma comparação, uma transição suave, mas nós consideramos importante esta evolução conceitual.



Eu destacaria, finalmente, nesta página que da PDD por atraso, que é o bloco inferior, grande parte dela está ligada a operações que já estão 100% provisionadas, como nós vemos na parte verde deste slide.

Indo para o slide 17, falando de receita de serviços e de seguros, nós vemos aqui um crescimento em 12 meses abaixo da inflação, 4,5%, mais uma vez associada ao ambiente econômico. Quando nós olhamos, por exemplo, as operações de crédito e garantias, as receitas de serviços associada a essas operações, evidentemente sofrem bastante, tiveram uma contração de 4% em 12 meses porque o próprio saldo teve uma redução expressiva. Em cartões de crédito aqui nós tivemos um crescimento em 12 meses de 4%, também evidentemente abaixo da inflação, ligado a conjuntura econômica e a um maior conservadorismo no uso deste instrumento como meio de financiamento.

Na parte inferior, a gente vê que está mantido o padrão histórico aí em torno de 34%, 35% na proporção entre receita de serviços e resultado com operações de seguridade em relação a estas mesmas receitas somadas a margem financeira.

Indo para página 18, nós vemos aqui informações relativas às despesas não decorrentes de juros, tiveram comportamento, na nossa avaliação, bastante positivo, com crescimento em 12 meses de apenas 3,4%. Tem aqui algum componente sazonal, este é um trimestre normalmente mais fraco de despesa, mas quando a gente olha o número, sobretudo, excluindo as operações no exterior, não influenciadas pela variação cambial, em 12 meses nós vemos que tivemos uma elevação de apenas 1,9% aqui na última linha da tabela, que é muito abaixo da inflação e que reforça o nosso compromisso de controle de custos, nosso compromisso de redução relevante de despesas. Na parte inferior, nós vemos o resultado deste esforço, um índice de eficiência bastante positivo de 43% neste trimestre, em 12 meses mantendo a tendência de redução gradual com 43,9%. Quando nós adicionamos o elemento de risco, evidentemente o número piora bastante aqui, mais uma vez em função do volume relevante de PDD que nós fizemos neste trimestre.

Indo para página 19 e falando aqui de capital, gostaria de focar aqui na parte de baixo no número de 12,7%, que é o nosso capital principal com regras integrais de Basiléia antecipando todo o cronograma de Basiléia. Este número em dezembro era 11,8%, nós tivemos uma elevação expressiva, seja pela redução de créditos tributários que foram consumidos com maior velocidade, seja pela geração de resultados no trimestre.

Aqui nós colocamos uma estimativa em seguida à direita desse 12,7% dos efeitos de CorpBanca. À medida que nós temos mais informações, nós aperfeiçamos, aprimoramos esse número, ele está em 1,1% hoje na nossa melhor informação, o que traria este índice, após a operação de CorpBanca, portanto, a partir deste segundo trimestre, para 11,6%, que é um nível bastante confortável de capitalização e que nos deixa, eu acredito, numa posição tanto em termos absolutos quanto em



termos relativos muito confortável para a gente crescer a carteira de crédito quando a gente tivera um conforto em relação à melhora do cenário econômico.

Indo para página 20 das nossas projeções para 2016, nós estamos reafirmando todas as linhas da nossa projeção, que foi feita no *call* anterior, com um grau de convicção maior nas linhas de resultado. A primeira linha, que é a linha de carteira de crédito, é uma linha que sofre efeitos de muitos fatores, taxa de câmbio entre eles. Visto de hoje, nós acreditamos que é bastante desafiador, mas ficaremos no ponto inferior aqui da nossa projeção. Margem financeira com clientes também reafirmamos a nossa projeção e, dadas as nossas perspectivas e os resultados do primeiro trimestre, nós acreditamos que aqui também ficaremos próximos do ponto inferior da nossa projeção. Na parte de provisões líquidas de recuperação, nós reafirmamos a nossa projeção e acreditamos que ficaremos um pouco acima do ponto médio indicado neste item. Em relação à receita de serviço e resultado de seguros, aqui também acreditamos que ficaremos próximos ao ponto inferior, crescimento de 6% no consolidado. E finalmente em relação a despesas não decorrentes de juros, também aqui estamos reafirmando a faixa indicada e devemos ficar bastante próximos do ponto inferior, ou seja, crescimento no consolidado de 5%.

Aqui temos fatores positivos e negativos. Acreditamos que considerando todos os fatores, inclusive a nova perspectiva de alíquota implícita de imposto, nós vamos ficar muito próximos ao que ficaríamos, tínhamos ficado nas projeções anteriores em termos de ponto médio.

Finalmente, aqui na página 21, rapidamente mencionando que, apesar da recuperação recente nas últimas semanas do preço da nossa ação, nós estamos ainda abaixo do padrão histórico em termos de alguns indicadores, particularmente indicadores de preço lucro. Na parte inferior, vemos o volume médio negociado, uma boa liquidez e um saudável equilíbrio entre transações no mercado doméstico e no mercado internacional.

Com isso, encerro aqui neste momento a apresentação e estaremos agora, o Marcelo Kopel e eu, à disposição para responder eventuais perguntas. Obrigado.

### **Sessão de Perguntas e Respostas**

**Operadora:** Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digite asterisco 1. Para retirar a pergunta da lista, digite asterisco 2.

Nossa primeira pergunta vem de Mário Pierre, Bank of America Merrill Lynch.

**Mário Pierre:** Bom dia a todos. Deixa eu fazer 2 perguntas, por favor. A primeira é relacionada ao aumento da provisão que vocês fizeram para o atacado de R\$ 1,4





bilhão a mais do que o trimestre passado, e vocês falaram aí durante a apresentação que vocês esperam a provisão de atacado vai cair no próximo trimestre. Eu queria entender, então, se este R\$ 1,4 bi de aumento que a gente viu no trimestre é específico a um cliente ou a um grupo. Se você pudesse dar um pouco mais, então, de transparência a este aumento aí de R\$ 1,4 bilhão nas provisões de atacado.

Depois, a segunda pergunta é relacionada aí ao seu slide 16. Bem interessante aqui. O que eu entendi, aqui o que não ficou claro para mim é o seguinte, vocês estão tentando antecipar uma mudança na regulação e por isso vocês acham que este nível de reservas que vocês têm é adequado. Então, pelo que eu entendi, é que não existe espaço, então, para vocês reduzirem a cobertura no futuro, porque hoje quando a gente olha no índice de cobertura do banco de 210% parece que existe um espaço, sim, para você reduzir a cobertura dado que o seu nível histórico é perto de 170 a 180. Mas pelo que eu entendi aqui no slide 16 é que vocês já estão antecipando uma potencial mudança de regulação e, portanto, não existiria espaço para reduzir. É correto esta minha interpretação?

**Eduardo Vassimon:** Bom dia, Mário. Começando pela primeira pergunta, a elevação de 1,4 ela não está concentrada em um nome apenas, não. Ela reflete alguns nomes no segmento de atacado, mas ela tem claramente um elemento de antecipação. Nós estamos bastante confortáveis com o nível de provisão que a gente tem no Banco em geral, no atacado também. Nós temos uma política de sermos bastante conservadores, sobretudo nos casos que a gente considera mais críticos, onde a probabilidade de recuperação é muito baixa, estamos muito tranquilos em vários setores, óleo e gás, construção. Mas não é um caso específico. No ano passado nós tivemos uma situação similar, nós constituímos no primeiro trimestre um volume de provisões e nós indicamos no *call* do primeiro trimestre do ano passado que nós não acreditávamos que este número iria se repetir. Efetivamente o primeiro trimestre do ano passado foi o ponto mais alto do ano de 2015. Nós estamos vendo uma situação similar neste trimestre. Nós antecipamos provisões e a nossa expectativa é de uma queda desse número aí no próximo trimestre.

Em relação à...

**Mário Pierre:** Só para eu entender aqui, então, antes da próxima, você falou alguns nomes no atacado. Algum setor específico? É específico um setor ou também são vários setores?

**Eduardo Vassimon:** São vários setores. Tem óleo e gás, tem construção, enfim, mas não tem uma concentração particular.

E indo para a segunda, sua segunda pergunta, Mário. Nós não necessariamente antecipamos uma mudança na regulação, embora a gente acredita que o Brasil acabará migrando em algum momento para o IFRS 9 em termos de regras de provisão. Mas é a forma que nós, mais próxima da maneira como nós gerimos o



Banco, então, a gente acha importante dar este *disclosure*. Mais uma vez, a gente está bastante confortável com o volume de provisões para lembrar que este bloco de cima de perda esperada potencial ele evidentemente tem algum elemento discricionário, algum elemento julgamental, mas ele é baseado em uma série de análises, em modelos estatísticos no caso do varejo, em análises setoriais. A gente acha que a gente pode, sim, vir a ter uma redução neste volume de R\$ 15,8 bilhões na medida em que a gente espera alguma melhora no cenário econômico. Nós acreditamos que nós podemos ter alguma melhora na situação a partir do segundo semestre. Nós já estamos vendo estabilização de vários índices de confiança, ainda num nível baixo, mas que, na nossa avaliação, pode ser o primeiro elemento de um processo de recuperação. E olhando para 2017, a nossa área macroeconômica está revisando projeções, mas nós podemos ter aí um crescimento próximo de 1% e neste cenário mais benigno naturalmente os nossos modelos e a nossa avaliação vai indicar a necessidade de um volume menor de provisão neste bloco, o que deveria neste cenário, sim, levar a uma redução desta PDD no futuro.

**Mário Pierre:** Perfeito, muito claro. Obrigado.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Rafael Frade, Bradesco.

**Rafael Frade:** Bom dia a todos. A minha pergunta é um *follow-up*, principalmente, neste último ponto com relação a expectativas onde vocês comentaram, né, tem pequenas sinalizações que a gente pode ter uma melhora nas perspectivas, tanto de economia e confiança e etc. E o Banco, até pelo, um pouco talvez não só pela carteira de crédito, mas física e outras linhas, vem indicando que tem sido bastante restritivo em termos de serviços, em termos de oferta de crédito. Eu queria entender em que ponto que vocês estão nisto, quer dizer, vocês veem consistentemente pelo que eu entendo aumentando restrições para originação e a gente está num ponto talvez que isto já tenha uma estabilização ou, enfim, ainda continua cada vez ainda sendo mais restrito, isto pensando como é que vocês vão estar posicionados com relação à uma eventual melhora das perspectivas.

E um segundo ponto é com relação ao NII. Só para entender, quer dizer, teve uma mudança aí na alocação de capital do que era o resultado de capital de giro para o resultado de tesouraria. Comentaram no começo da apresentação que vocês acham mais normalizado na linha do resultado com o mercado alguma coisa como R\$ 1,2; R\$ 1,3 milhão por tri. Mas eu entendo que teve talvez uma mudança na alocação, então, talvez este patamar seja um pouco maior em detrimento do NII com clientes um pouco menor. Então, enfim, tem um impacto aí no *guidance* de vocês meramente por uma alocação diferente de linhas, é isto mesmo?

**Eduardo Vassimon:** Bom dia, Rafael. Em relação à primeira pergunta da perspectiva, nós temos ajustado os nossos critérios de crédito, apertado os nossos critérios de crédito já há mais de um ano e meio, né, a gente vem neste processo. Nós consideramos hoje que nós estamos num nível de restrição de crédito compatível com o ambiente econômico, mas começamos a ver de novo alguns sinais que podem indicar uma recuperação. Então, visto de hoje, eu não antecipo



restrições adicionais na nossa política de crédito. Nós evidentemente estaremos monitorando isto muito de perto e quando sentirmos um pouco mais de confiança no cenário econômico, nós, aí sim, ajustaremos os nossos critérios de crédito para permitir uma expansão da carteira e, mais uma vez, aí estarmos muito bem, eu acredito, muito bem posicionados, inclusive em termos de base de capital para ter, quando tivermos confiança, um crescimento de carteira de crédito. Nós estamos acompanhando aí o desenvolvimento, evidentemente, da situação podemos ter alguma estabilidade maior no cenário político, alguma recuperação de confiança que facilitaria este processo.

Em relação à sua segunda pergunta, eu vou passar aqui para Kopel.

**Marcelo Kopel:** Bom dia, Rafael. Só para esclarecer, o *guidance* que a gente deu já contemplava, está na mesma base do que a gente está vendo o resultado, tá, então, não tem diferença. E o resultado que a gente viu, o fato do Vassimon ter dito que este número de 1,7 ele é mais para um número de 1,2; 1,3, tem muito a ver com a volatilidade de mercado e as oportunidades que a gente teve neste primeiro trimestre. Então aqui, a nossa visão é que o que aconteceu no primeiro trimestre não necessariamente as oportunidades que a gente teve no primeiro trimestre não necessariamente se repetirão no segundo, terceiro e quarto e daí a gente está voltando a falar de um número na casa e R\$ 5 bilhões para o ano. Então, é neste contexto.

**Rafael Frade:** Só para confirmar, então, Kopel, porque eu fiquei com a impressão exatamente que nesta linha de capital de giro, enfim, de ter tido uma redução talvez de uns R\$ 200 milhões, que esses R\$ 200 milhões teriam ido para a linha de mercado. Então, na verdade isso já estava contemplado?

**Marcelo Kopel:** Já estava contemplado. O *guidance* já conversa com isto, tá, Rafael.

**Rafael Frade:** Não, perfeito. E se me permite só um *follow-up* na minha primeira pergunta sobre como é que vocês estão vendo as políticas de originação de crédito. Uma coisa que chamou a atenção – e infelizmente é só um dado que vocês têm, então, talvez não seja representativo do todo –, mas diversos *players* têm dito que um dos principais causadores da piora na inadimplência no varejo tem sido principalmente as carteiras antigas. Hoje as carteiras com novas políticas de restrição elas têm tido níveis de inadimplência muito melhores. Só que quando a gente vê a originação de vocês em veículos especificamente, que é a única que a gente tem aí a inadimplência, esta abertura da inadimplência na originação praticamente, ela apresentou uma piora nos últimos, talvez, nos últimos números que vocês mostraram. Eu queria entender se isso é uma coisa só específica de veículo ou é também uma coisa que vocês estão vendo para outras linhas que, mesmo que com esta política mais restritiva de vocês, mesmo na nova originação também, o crédito tem apresentado uma piora.



**Marcelo Kopel:** Não, eu acho que é um caso específico de veículos, e em particular nesta carteira, o nosso grau de segurança com ela é bastante bom em função do nível de garantia que a gente trabalha. A gente trabalha com um *loan to value* aí abaixo de 60%. Então, mesmo que você tenha inadimplência, o que você acaba tendo de perda é bem mitigado por conta da garantia que você tem envolvida nisso. Então, eu diria, e isso tem sido a filosofia do Banco de trabalhar, mesmo nas linhas tradicionais, naquilo que a gente pode ter algum tipo de caução, de garantia, a gente vem procurando fazer isto. Então, acho que o exemplo de veículos você consegue ver isto, mas quando você vê o comportamento da garantia face à exposição nos dá um bom grau de tranquilidade.

**Rafael Frade:** Entendido, perfeito. Obrigado.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Eduardo Rosman, BTG Pactual.

**Eduardo Rosman:** Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. A primeira é sobre recuperação de crédito e tarifas. Essas duas linhas mostraram uma queda muito importante aí versus o último trimestre. Eu sei que tem o fator sazonal, mas eu queria entender se, de fato, estas linhas vieram abaixo da expectativa de vocês. Eu queria entender se teve alguma coisa especial no trimestre ou, se não, se a gente pode esperar uma recuperação nos próximos trimestres. Então, esta seria a primeira pergunta.

E a segunda pergunta é sobre a alíquota de imposto e também entender a dinâmica de resultado antes de imposto nos próximos trimestres. A primeira coisa, eu queria só confirmar com vocês se a alíquota de imposto ela, de fato, no primeiro trimestre ela veio mais baixa só por conta do JCP ou se teve mais alguma coisa, né. Eu entendo que como o lucro antes de imposto ele veio menor, né, o benefício fiscal ele fica mais importante, mas eu queria confirmar se teve alguma coisa a mais. E, pelo que vocês falaram no *call*, a alíquota do ano deve ficar em 29%, o que indica um aumento da alíquota nos próximos trimestres versus o nível do primeiro tri, né, e queria entender se isso, de certa forma, indica também que vocês esperam que o resultado antes de imposto melhora aí nos próximos trimestres. Obrigado.

**Eduardo Vassimon:** Eduardo, é Vassimon. Falando de recuperação de crédito, quando a gente compara este trimestre com o trimestre anterior, é importante notar que no trimestre anterior nós tivemos uma recuperação extraordinária, em relação ao qual a gente deu um amplo *disclosure* no *call* do primeiro trimestre, de um caso específico que distorce um pouco a base de comparação. Dito isto, o ambiente evidentemente está mais difícil em termos de recuperação. Nós tínhamos indicado acredito que alguma coisa em torno de R\$ 4,2 bilhões no primeiro trimestre, este número provavelmente vai ficar mais próximo de 4 em função do ambiente um pouco mais desafiador. E as tarifas têm fundamentalmente um elemento sazonal e a gente acredita que o conjunto das receitas de serviços, como nós comentamos, vai ficar próximo do ponto inferior das nossas projeções.



Em relação à taxa implícita de imposto de renda, o fator JCP é o principal fator sem dúvida dessa redução em relação ao que nós havíamos indicado no primeiro trimestre em função da importância relativa que ele tem comparada com o lucro. Nós temos também um pouco de fator de resultados não financeiros, basicamente a Rede, que tem uma alíquota tributária menor. E você tem razão, aritmeticamente, como este primeiro trimestre foi menor e na média a gente acredita que estaremos próximos de 29, os próximos trimestres têm uma alíquota implícita um pouco maior.

**Eduardo Rosman:** Tá bom, obrigado. Mas, então, faz sentido, então, imaginar aí que deve, que você espera uma melhora aí do resultado antes de imposto para frente, né? Ou, o meu ponto é, está implícito aí nesta alíquota menor alguma outra coisa que, enfim, não seja só o JCP e a alíquota menor das outras subsidiárias?

**Marcelo Kopel:** Não, Rosman. É o Kopel. Não, não existe algum outro ajuste ou alguma outra coisa, e o número vai conversar com aquele comentário que o Vassimon fez quando ele estava comentando o *guidance*. Então, é que, de fato, a geografia das linhas vai ser diferente, ok?

**Eduardo Rosman:** Está ótimo, obrigado.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Francisco Kops, Banco Safra.

**Francisco Kops:** Bom dia a todos. Duas perguntas também. Eu queria fazer um *follow-up* na pergunta do Frade sobre a margem financeira com clientes. Vocês explicaram bem ali no slide 9, tem um efeito de dias corridos para a queda no valor, tem o efeito do volume na carteira e tem a questão do capital de giro. Pelo que eu entendi, então, Kopel, estes R\$ 200 milhões que vocês alocaram para tesouraria já estava contemplado no *guidance* e eles podem voltar, né, para linha de capital de giro e render juros aí nesta linha nos próximos trimestres, né?

E ainda em cima disto, teve um pequeno efeito positivo aí na parte de quando a gente fala de mix de produtos e *spreads*. O quê que vocês esperam especificamente sobre mix e *spreads* para o ano?

**Marcelo Kopel:** Kops, bom dia. Então, só voltando aqui no ponto da alocação de capital, este é aqui é um, quando você olha o Banco como um todo, se eu estou alocando mais capital para uma área, tipo a tesouraria, e menos para outra, no final das contas você vai estar migrando capital de um lado para outro, até porque ele fica totalmente alocado. É um estoque que a gente aloca ele em algum, em algum dos produtos ele vai estar. Então, mesmo que aconteça – e de fato é dinâmica a alocação de capital –, mesmo que aconteça, dentro do nosso *guidance* a soma das partes vai acabar fechando. Então, se tiver, se a gente tiver que explicar uma flutuação, você vai saber por conta do quê e aonde ela foi parar. Então, só para te tranquilizar que isso está dentro do número total, não tem como criar um resultado pela mera redistribuição do estoque de capital.

E o teu segundo ponto era com relação à?



**Francisco Kops:** Ao mix e *spreads*, né. Foi levemente positivo este tri, o quê que vocês esperam aí para o resto do ano?

**Marcelo Kopel:** O que a gente está vendo, esta tendência de crescimento em produtos de menor risco ela vai continuar, então, a gente espera que a nossa NIM ela permaneça relativamente estável. Existe ainda alguma coisa de reprecificação no *back book*, mas existe a matemática de você não crescer em livros que têm um *spread* antes de custo de risco maior e você crescer em carteiras que têm uma taxa maior, ou um *spread* maior antes do custo de risco. Mas, então, isto vai fazer com que a NIM permaneça relativamente estável a longo do ano.

**Francisco Kops:** Perfeito. Perfeito, Kopel. Só então uma segunda pergunta. Aí mudando um pouco para a parte de tarifas, vocês podem falar um pouquinho como é que vocês viram aí a questão da Redecard este trimestre? A gente viu que ela foi abaixo do mercado, pelo menos bem abaixo aí da principal concorrente. O quê que na verdade você se deve aí à perda de *market share*? Enfim, se pudesse falar um pouquinho sobre Redecard eu agradeço.

**Marcelo Kopel:** Eu acho que tem algumas coisas que afetam. A primeira delas que afeta é o mix de lojistas que você tem, ou mix de clientes que você tem. Existe uma sazonalidade, então, dependendo do mix de clientes que você tem, se você está mais concentrado – e existe uma concentração tanto na nossa carteira como do nosso principal concorrente –, que faz com que você, todo o resto constante, você tenha um primeiro trimestre mais fraco em um e mais parte em outro. Então, este é um primeiro ponto. O segundo ponto acho que foi comentado por eles no próprio quarto trimestre de agressividade comercial, que isto acaba mexendo volumes, e agora mesmo também, pelo que eu vi nas transcrições de *call*, foi feito um comentário de que esse volume não tende a se repetir. A gente olha isto no médio e longo prazo e estamos trabalhando naqueles clientes que a gente quer aprofundar relacionamento e vem crescendo a nossa penetração nesses clientes. Agora, vai ter flutuação ao longo do ano. É natural que tenha, principalmente quando você olha não o pequeno cliente, mas grandes contas. Grandes contas acabam mudando o *share* de um adquirente para o outro.

**Francisco Kops:** Entendi, pelo que eu entendi, vocês não devem acompanhar aí ou pelo menos não pretendem acompanhar aí este posicionamento um pouco mais agressivo em termos de preço?

**Marcelo Kopel:** A gente não vem acompanhando. Não é que nós não vamos acompanhar, a gente está para ter um negócio rentável e sustentável. Então, este acho que é principal ponto. Evidentemente que tamanho é importante, mas rentabilidade é tão ou mais. Então, tem que balancear esta equação.

**Francisco Kops:** Obrigado, Kopel.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Eduardo Nishio, Banco Plural.



**Eduardo Nishio:** Bom dia a todos, bom dia, Vassimon e Kopel, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. Primeiro é em relação à provisão. Eu queria entender um pouco mais esse *spike* que vocês tiveram agora no tri. Na parte de atacado, eu queria saber se este elemento antecipatório de vocês já estava previsto no *guidance*, se vocês consideram alguma reversão de adicional, complementar, potencial, dado esta antecipação que teve agora no primeiro tri e eu queria saber a política de provisionamento de vocês em relação às empresas que entram na RJ; se vocês dão para E, para F? Qual é a política do Itaú?

Ainda neste ponto de provisão, quando vocês falam que atacado cai, e vocês esperam que atacado caia as provisões, e varejo suba ao longo do ano, eu queria saber como que fica o *net* efeito disto ao longo do ano, obrigado. Esta é a primeira pergunta, depois eu faço em relação a minha segunda pergunta. Obrigado.

**Eduardo Vassimon:** Oi Nishio, é Vassimon. Em relação às provisões, efetivamente elas têm um caráter antecipatório, elas estavam previstas já, poderiam ter sido feitas mais à frente, nós decidimos antecipá-las e, de novo, num cenário de alguma melhora será natural que a gente reverta, sim, um pedaço deste bloco que a gente está chamando de perda esperada ou potencial. Evidentemente, vai depender da nossa avaliação do cenário econômico, do que os nossos modelos indicam, mas é uma coisa que é razoável esperar num cenário de alguma melhora ou que mais uma vez traria uma redução do índice de cobertura.

Em relação à nossa política de RJ, a gente tem uma definição de no mínimo 50% de provisão. A não ser em casos muito excepcionais – e eu francamente não lembro de nenhum –, onde haja garantias muito fortes que justifiquem nós não fazermos 50%. Mas a regra é no mínimo 50%, e em casos claramente com baixíssima probabilidade de recuperação a gente tende aí diretamente para 100%.

Em relação à questão do aumento da provisão no varejo e redução no atacado, a gente espera que o efeito *net* seja positivo, ou seja, que a redução no atacado seja maior nominalmente do que a elevação do varejo, de forma que a média dos próximos trimestres fique abaixo do número que nós vimos, número total de PDD que nós vimos neste primeiro trimestre.

**Eduardo Nishio:** Ok, muito obrigado, muito claras as respostas. A minha pergunta seguinte é em relação ao cenário de melhora que vocês falaram. Eu queria que vocês pudessem esclarecer um pouco mais quais são os pontos que vocês estão vendo de melhora. Obviamente vai, provavelmente a gente vai ter uma mudança no cenário político-econômico aí nos próximos meses, mas eu queria, além disto, como é que você vê a recuperação das empresas e das pessoas físicas em geral se desenvolvendo ao longo dos próximos talvez trimestres ou anos? Quando é que vocês veem o pico, por exemplo, de inadimplência chegando e qual o *timing* disto? Quando vocês veem, por exemplo, as empresas e que setores vocês veem uma recuperação mais forte? Quando que vocês veem a geração de caixa das empresas



melhorando de forma geral aí na economia e quais setores que vocês veem como líderes aí nesta recuperação? Obrigado.

**Eduardo Vassimon:** Nishio, a gente ainda não tem visto sinais de melhora. O que nós vimos é uma estabilização em alguns indicadores uma parada na piora, o que é positivo no sentido que esse seria o primeiro passo para uma melhora. Nós estamos monitorando vários indicadores, nós acreditamos que a economia neste ano ainda vai ter uma queda semelhante ao que nós vimos no ano passado, mas que uma possível estabilização no cenário econômico, na recuperação de confiança pode trazer uma elevação de investimentos, pode trazer uma redução no ritmo de crescimento do desemprego, a gente acha que o desemprego vai continuar a crescer, mas uma recuperação na confiança também levará as empresas a reduzir o ritmo de desligamentos. A gente ainda vê o desemprego crescente ao longo deste ano, provavelmente tendo o pico no início do ano que vem, quando a gente estima também que devemos ver o pico de inadimplência no início de 2017.

Aí acho que, em termos de setores, é difícil antecipar. Nós vemos alguns setores já recuperando nos últimos meses mais ligados à exportação em função da desvalorização cambial, evidentemente. Mas eu acho que setores de infraestrutura, se houver um novo relançamento de um programa de parceria entre setor público e privado, é um setor que poderia começar a deslanchar neste cenário.

**Eduardo Nishio:** Ok, muito obrigado. Muito claro.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Carlos Daltoso, Banco do Brasil.

**Carlos Daltoso:** Bom dia a todos, obrigado por aceitarem a minha pergunta. Só um *follow-up* com relação ao slide 16, aí, só para que eu possa entender direitinho. Nós vemos aí um crescimento aí da perda potencial, o atacado aí com um volume bem alto. Por que que vocês esperam aí uma melhora significativa, né, sendo que a gente viu na classificação de risco de vocês um maior crescimento das operações classificadas com letras E e F, né? De onde pode vir esta melhora e por que que já não utilizaram, se vocês esperam uma melhora, por que que já não utilizaram uma parte da PDD complementar já neste primeiro trimestre?

**Eduardo Vassimon:** Bom dia Carlos, é Vassimon. Só para esclarecer: Nós não vemos necessariamente uma melhora significativa. Nós vemos ainda um ambiente difícil, que nos levou a ter um nível de provisão elevado, que nós consideramos muito confortável e, o que eu disse que, nós esperamos que num cenário de alguma melhora a gente possa iniciar um processo de redução deste colchão, deste bloco de perda esperada e perda potencial. Esse colchão é claramente maior no atacado, onde a gente fez vários *downgrades* de caráter preventivo, não por atraso, não por deterioração forte das empresas, e estamos prontos para eventualmente reverter isto se, e quando, a gente tiver convencido de que houve uma melhora consistente. Não é o que nós vemos neste momento. É por isto que nós ainda não revertermos. Mas é uma possibilidade diante da perspectiva de melhora da economia.





**Carlos Daltoso:** Ok, muito claro. Obrigado.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Lucas Lopes, Credit Suisse.

**Lucas Lopes:** Oi, bom dia a todos. Eu queria fazer um *follow-up* sobre a questão da alíquota efetiva. Eu queria saber como vocês estão tratando a questão *tax shield* da despesa de PDD. Ou seja, dado o caráter temporário da CSLL, da CSLL majorada, eu quero saber se vocês estão deduzindo da despesa de PDD usando a alíquota de 15% ou 20% de contribuição social.

E se me permitirem uma segunda pergunta, também um *follow-up* sobre a questão de tesouraria agora, eu queria saber se vocês realizaram eventuais ganhos com o fechamento da curva de juros no primeiro trimestre do portfólio disponível para venda. Eu pergunto porque eu não estava esperando um ajuste de avaliação patrimonial negativo. Até entendo que a marcação de debêntures para baixo até ajuda a explicar isto, mas não explica porque não tiveram um resultado bem mais expressivo nessa linha, né, o *book value* do Banco não cresceu. Obrigado.

**Eduardo Vassimon:** Bom dia Lucas, é Vassimon. Em relação à alíquota efetiva, nós estamos usando uma alíquota de 20% na contribuição social. É importante aqui esclarecer que todo o crédito fiscal que nós contabilizamos – e aliás isto é norma do Banco Central –, ele é feito com base em dados técnicos que permitem, de acordo com as projeções, a utilização desse crédito fiscal ao longo do tempo. Então, nós estamos contabilizando 20 porque os nossos estudos indicam que nós seremos capazes de usar este montante durante o período até 2018, em que estará em vigor esta alíquota mais elevada. Então, nós estamos contabilizando porque nossos estudos técnicos indicam que nós seremos capazes de aproveitar este nível de crédito fiscal. Evidentemente que a gente está constantemente acompanhando este estudo, atualizando. Se houver uma mudança de perspectiva, a gente, na margem, pode até reduzir esta alíquota, mas estamos bastante confortáveis com esta contabilização por hora.

Em relação à realização de resultados, não houve realização de resultados. Aqui é uma questão pouco técnica, mas nós tivemos – e isto está em alguma nota, nota 7 do balanço –, nós tivemos aí um ganho de títulos em *available for sale* da ordem de R\$ 1,2 bilhão. Ao mesmo tempo, nós temos um *hedge* de fluxo de caixa onde nós contabilizamos uma perda de R\$ 1,7 bilhão, que dá um *net* de R\$ 500; R\$ 550 milhões. Este *hedge*, na verdade, é um *hedge* da posição *long* que a gente tem na nossa carteira de empréstimos, é uma posição pré, cujo resultado virá ao longo do tempo. Então, não houve nenhuma realização de resultados de títulos que estavam indisponíveis para venda neste trimestre.

**Lucas Lopes:** Ficou claro. Muito obrigado.

**Operadora:** A próxima pergunta vem de Carlos Gomes, HSBC.



**Carlos Gomes:** Obrigado. Duas perguntas. O primeiro é também sobre a alíquota fiscal, você falou que não teve mudanças sobre juros de capital próprio que era esperado, mas isto aconteceu no final do ano, quando os senhores apresentaram no *guidance* no começo de fevereiro, deveria ter claro quanto teria tido sobre capital próprio para o ano. Tem alguma outra mudança que levou senhores a indicar, a reduzir a alíquota esperada para este ano?

**Eduardo Vassimon:** Bom dia, Carlos, é Vassimon. Na verdade, o projeto de lei só venceu após o nosso *call*, foi em fevereiro ou março, após o nosso *call*. Então, na época do *call* havia ainda a possibilidade de aprovação deste projeto – para contribuição social ou imposto de renda sempre atende o critério de anualidade, ele seria necessariamente para o ano seguinte –, mas para contribuição social, na época do nosso *call* do primeiro trimestre, o projeto ainda estava em tramitação no Congresso com possibilidade de aprovação e por isto nós conservadoramente indicamos aí a alíquota de 33%. Após o nosso *call*, entre o nosso *call* do primeiro trimestre e hoje, o projeto, digamos, caducou, o que nos levou a fazer esta revisão.

**Carlos Gomes:** Entendo. Se tivesse uma mudança na diretoria econômica e o projeto fosse renovado, os senhores revisariam, imagino também, a expectativa da alíquota, não?

**Eduardo Vassimon:** Sim. Em tese, isto pode ocorrer ainda este ano. Lembrando que no caso da contribuição, para o imposto de renda é sempre no ano seguinte, para contribuição social tem uma noventena, né, tem um período mínimo de 90 dias. Então, se, digamos, houver a aprovação daqui a 90 dias, nós teremos mais 90 para entrar em vigor e teria um impacto no final do ano. Evidentemente, nós estaremos sempre revisando as nossas indicações na medida em que a circunstância concreta se altera.

**Carlos Gomes:** Isso é mudança da CSLL, da contribuição social, mas o efeito de juros sobre capital próprio isso também pode ser aprovado para cada tri, não? Não tem que ser anual, não?

**Eduardo Vassimon:** É, desculpe, eu estava justamente me referindo à limitação de utilização dos juros sobre capital próprio no que se refere à contribuição social, e tem este período mínimo de 90 dias.

**Carlos Gomes:** Tá, obrigado.

**Operadora:** Com licença, lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um. Estrela um. Obrigada.

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Eduardo Vassimon para as considerações finais.

**Eduardo Vassimon:** Eu queria só aqui nesta consideração final reafirmar as nossas projeções para o ano de 2016. Tivemos um trimestre mais uma vez bastante



razoável dentro do ambiente econômico muito desafiador, temos alguma perspectiva de melhora, que nós estaremos acompanhando e ajustando à gestão do Banco à medida em que a gente avalia a mudança de cenário, mas estamos confiantes na entrega dessas projeções nas várias linhas de resultado e ressaltar mais uma vez que o volume de provisões que nós fizemos neste trimestre teve um caráter fundamentalmente antecipatório e que nós não esperamos a repetição deste nível nos próximos trimestres. Obrigado pela atenção e bom dia a todos.

**Operadora:** A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.